

Pedro Siqueira

Autor de **TODO MUNDO TEM UM ANJO DA GUARDA**

Senhora
dos
ares

A jornada de um jovem
em busca de
autoconhecimento e fé



SEXTANTE

Para Ênio e Dulce.

Para João Antônio e Natália.

CAPÍTULO I



Cerimônia

Ó*rfão.* Foi exatamente o que pensei quando vi o caixão prestes a descer à cova. Algo impróprio para uma pessoa da minha idade, mas as emoções muitas vezes nos tomam sem aviso ou preparo. O impacto daquela cena fez reavivar, na minha alma, dores infantis ainda não curadas.

A bandeira americana, estendida no tampo, era ajeitada pelo sacerdote idoso que, em suas vestes negras, se preparava para fazer uma leitura da Bíblia. O cenário seria belo se não fosse o enterro do meu pai. Não me sentia bem. Minhas pernas tremiam, às vezes nem pareciam mais fazer parte do meu corpo. Tinha a impressão de estar distante de mim mesmo, pairando sobre as árvores, quase tocando as pouquíssimas nuvens no céu.

– Hoje meu melhor amigo está partindo em direção ao Paraíso! Não tive irmãos de sangue, fui filho único, mas Deus me deu este aqui – disse o homem, batendo a mão gentilmente no tampo do caixão.

Algumas senhoras retiraram os lenços de suas bolsas para enxugar as lágrimas com delicadeza, evitando borrar a maquiagem.

Verdade, foram amigos inseparáveis. Ao longo da vida aquele homem vivera intensamente ao lado do meu pai. Passaram por muita

coisa juntos. Sua amizade com Mark Connors, brigadeiro da Força Aérea americana, surgira muito antes do meu nascimento. Lembrei-me de suas histórias sobre a Segunda Guerra Mundial e das aventuras religiosas também. Que mistura: guerreiros espiritualizados! Um conceito difícil de imaginar que pudesse existir quando não se conhecia a vida deles. Como sujeitos tão destemidos podiam ter um coração de ouro, a ponto de doar suas vidas em caridade para com os demais?

– Não vou ficar discursando sobre as qualidades militares e cívicas do brigadeiro Connors. Todos sabem muito bem que tipo de homem ele foi. Vou apenas ler uma passagem importante do Evangelho. Só para situá-los, estive meditando sobre ela pouco antes da morte de Mark.

O homem tomou um pouco de ar para dominar sua emoção e pigarreou, jogando a cabeça para trás. Uma leve brisa começou a soprar em sua direção.

– Evangelho de São Marcos, capítulo 12.

Ergueu os olhos para a assembleia, verificando se alguém identificava a passagem bíblica. Não obteve retorno, então baixou os olhos para o texto em suas mãos. Segurou com o polegar a borda da página, evitando que o vento a virasse.

– “Jesus respondeu: ‘Vocês estão enganados, porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus. Com efeito, quando os mortos ressuscitarem, os homens e as mulheres não se casarão, pois serão como os anjos do céu. E, quanto ao fato de que os mortos vão ressuscitar, vocês não leram, no livro de Moisés, a passagem da sarça ardente? Deus falou a Moisés: ‘Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora, Ele não é Deus de mortos, mas de vivos! Vocês estão muito enganados.’”

O sacerdote abriu um sorriso enviesado de tristeza.

Seguiu-se um silêncio partilhado até mesmo pelos pássaros nas árvores. O vento tinha se intensificado e era o único que não descansava. Todos os presentes prestavam atenção no esbelto cardeal que,

antes de ser nomeado pelo Vaticano, havia sido frade capuchinho. Apesar da idade, o volume de sua voz e seus movimentos vigorosos eram admiráveis. Sempre me impressionaram a força física e a disposição daquele homem. Eu ainda era criança quando o conheci, mas ele não parecia ter mudado muito desde então, com exceção dos cabelos, que haviam se tornado prateados, e dos olhos azuis que se acinzentaram.

Ao seu lado, frei James, outro sacerdote de hábito capuchinho, que também era amigo de meu pai, olhava fixamente para o caixão. Tinha as mãos entrelaçadas sobre a barriga. Estava visivelmente emocionado. Não pronunciava nenhuma palavra e dava para ver seus olhos avermelhados de choro. Os lábios estavam retorcidos, também lutando contra as lágrimas.

Ele era imenso. Mais alto do que o cardeal e muito mais largo, com mãos e pescoço enormes. Uma barriga proeminente despontava, mas o homem andava sem nenhum esforço. Sua pele negra parecia brilhar ao sol. Bondade e mansidão estavam explícitas em seu rosto.

O cardeal, que acabara de falar coisas belas, olhou em sua direção e fez menção de lhe passar a palavra. Entretanto, ele rapidamente fez um sinal negativo com a mão espalmada, avisando que não conseguiria discursar sobre o amigo morto. O cardeal, então, continuou seu ofício:

– Eu e meu querido irmão, Mark Connors, nos questionávamos se partiríamos para o céu ou o purgatório. Não sabíamos se, diante do Altíssimo, nossos pecados iriam pesar mais do que nossas boas ações. Agora preciso partilhar algo importante com vocês: não tínhamos a menor dúvida de que, quando o anjo da morte se apresentasse em nossas portas, viveríamos eternamente.

Deu um pequeno sorriso de vitória, fixando o olhar nos militares perfilados no gramado. Nenhum deles lhe retribuiu. Pareciam não prestar muita atenção no fraseado do religioso.

– Tínhamos certeza de que, quando nossos caixões fossem depositados no solo, não estaríamos mortos diante de todos, mas vivos,

bem longe dos olhos humanos! Libertos, renovados para a eternidade, rumo ao Pai Celestial.

Interrompeu o discurso e olhou diretamente para o sol da manhã, que despontava grande como um holofote.

– Hoje, então, é um dia de festa para os que creem.

Virou-se para o enorme frade, que agora fitava o chão, e segurou com força em seu ombro, dando-lhe um pequeno sacolejo. Consegui que, da boca do gigante, surgisse um pequeno sorriso.

– Mark nasceu para uma vida nova. Está no céu, tenho certeza. Imagino que esteja esperando por mim. – Desviando os olhos das pessoas que circundavam a sepultura, fixou-os no caixão e, em tom suave, acrescentou: – Em breve estaremos frente a frente! Continuaremos nossa caminhada eterna juntos! Até logo, meu irmão...

Ele baixou o rosto em direção à grama, regando-a com duas lágrimas cristalinas, que antes reluziram em seu rosto sereno.

Fechou a Bíblia e colocou-a no bolso do paletó. Colocou os fartos cabelos brancos para trás e pousou os olhos de aço no meu rosto. Andou até mim com passos firmes e velozes. Não pude encará-lo, preferindo fitar seus pés. Ele era um pouco mais alto do que eu. Segurando minha cabeça, beijou minha testa.

– Você sabe que é um filho para mim. Enquanto eu servir para alguma coisa neste mundo, conte comigo. Sabe onde me encontrar. Esta semana vou pregar em um retiro para um grupo de padres recém-ordenados. Mas, a partir do próximo mês, estarei de férias aqui na diocese de Boston, no convento capuchinho. Em seguida, retornarei para a Itália. Se quiser, venha ficar comigo em minha casa, no Vaticano. Se preferir, há uma comunidade de padres ali perto, posso lhe arrumar hospedagem.

– Muito obrigado. Sei que posso contar com você. Será sempre parte da minha família. – Foi tudo o que consegui dizer naquele momento terrível.

– Não se preocupe em falar nada agora, garoto! De qualquer maneira, você já sabe: frei James está aposentado de suas funções, mas

mora no convento aqui de Boston. Ele adora suas visitas e espera que elas continuem. Só não está conseguindo falar muito porque a emoção o emudeceu.

O gigante havia se aproximado e me abraçou, esmagando minhas costelas, erguendo-me do chão como se eu fosse um menino bem pequeno.

Com muito esforço, James falou:

– Rafael, nossos treinos de boxe e nossa caminhada matinal continuam de pé! Sabe que sou um homem muito velho e fraco, preciso de você para me incentivar nos exercícios físicos, do contrário ficarei entredado e serei inútil aos irmãos do convento.

Dei uma pequena risada. Só ele mesmo para me fazer sorrir em um momento tão ruim. Nós três sabíamos que o discurso não era verdadeiro: ele tinha um preparo físico inacreditável e era meu professor de boxe.

– Já está bom, James. Não vá quebrar os ossos do Rafael! Ele ainda precisa cumprir um longo protocolo por aqui. Quanto a nós, vamos embora, já está tarde e precisamos chegar para a oração no convento.

Os sacerdotes não ficaram até o fim da cerimônia. O cardeal carregou o outro para longe e saíram caminhando suavemente por entre os militares, em direção ao carro que os esperava na pequena rua logo abaixo.

Fiquei parado, observando a partida daqueles dois homens que tanto amaram meu pai. Entraram no automóvel e, com um aceno, sumiram de vista. Meus olhos retornaram para os militares à minha frente. O discurso religioso proferido ali continha palavras inspiradas. O problema era que meu coração tinha dúvidas a respeito de tudo aquilo. Não conseguia acreditar que um dia reencontraria meu pai, vivo, em alguma espécie de paraíso.

Aliás, naquele momento me dei conta de que os sacerdotes amigos nunca tentaram me converter à sua religião. Quando estávamos juntos, tratávamos de assuntos do cotidiano. Conversávamos até mesmo

sobre a medicina, minha área de atuação. Eram homens lúcidos, com uma experiência de vida incrível. Sabiam dar conselhos especiais, cada um a seu modo. Acho que era por isso que eu gostava tanto deles: eram muito humanos!

Era o fim da existência terrena de meu pai. Eu, sim, continuava vivo, mas ele não estaria nunca mais comigo. A dor desse raciocínio era perturbadora. Decidi que seria melhor prestar atenção nas aves nos galhos das árvores e no belo dia ensolarado.

O caixão foi, aos poucos, sendo coberto pela terra no fundo da cova até desaparecer. Eu disse a mim mesmo em voz baixa:

– Mark Connors, brigadeiro da Força Aérea americana, morto aos 87 anos.

Era o fim de um homem velho. A idade, todavia, não era uma boa desculpa para o Universo tirá-lo de mim. Idoso? Quem percebia seu vigor e desenvoltura dificilmente acreditava. Ele parecia eterno. Nos outros homens, talvez os 87 anos pudessem significar a hora de partir. No meu pai, não! Tinha sua rotina de exercícios físicos e as palestras com temas militares. Dava aulas de catecismo na paróquia perto de sua casa e ajudava os moradores de rua junto com frei James. Seus dias pareciam ter mais do que 24 horas. Não sei como dava conta de tantas atividades ao mesmo tempo.

Quando o questionava sobre os inúmeros afazeres, vinha sempre com a mesma resposta:

– Comprometimento e eleição de prioridades, meu filho. O segredo está aí. Homem sem disciplina não é digno de receber missão. Quem não sabe administrar seu tempo não chega a lugar algum.

Eu retrucava dizendo que não estava mais na ativa, era um militar reformado. Ele dava gargalhadas.

– Ativa e reforma são coisas da vida terrena, que a carreira militar nos impõe. Eu nunca estarei aposentado para aquilo que Deus quer de mim! Por isso sou muito feliz. Vivo cada dia por vez.

Meu coração estava partido. Se o que eu estava vivendo ali era obra de Deus, queria afrontá-lo. Com tantos homens idosos de vida

desgraçada, com tanta gente imprestável pelo mundo, por que tirar a vida de meu pai? Ele não era um grande servo de Deus? Será que o Criador não dava privilégios aos seus? Será que não significava nada ser um homem cumpridor do Evangelho? E o pior: colocar no corpo do meu pai aquela doença horrorosa! Ele secara como uma planta sem rega. Definitivamente eu queria distância de Deus.

Bastava fechar meus olhos para enxergar os dele. Suas palavras grudavam em minha mente desde que eu era um menino. Não havia como esquecer-las. Não sei se era pela sabedoria ou veemência com que eram proferidas. Seu efeito era sempre benéfico, mesmo ao me corrigir. Algumas até anotei em um diário, pois eram muito originais e criativas. O melhor de tudo, penso, era o amor. Ele havia acabado de partir, mas eu já sentia uma saudade brutal.

Seguiu-se a salva de tiros. Despertei do meu estado de transe. A cerimônia parecia transcorrer normalmente. O vento havia aumentado bastante e parecia me empurrar para a realidade. Procurei não olhar muito para os idosos, que choravam silenciosos perto das árvores. Era uma dor bem evidente, mas não queria ser contagiado pela tristeza daquele instante. Já estava passando por uma dificuldade enorme tentando domar meus sentimentos.

Encarcerar a saudade dentro de si é uma grande ilusão. Não é uma ação possível. Ela toma conta de todo o nosso ser. Não existe um homem mais forte do que ela, que possa confiná-la em um compartimento, isolando-a de todo o resto, para evitar danos. Tinha a nítida impressão de que, a contragosto, minha saudade estava estampada no rosto, para que todos os amigos de meu pai pudessem ver. Como era fácil perscrutar meu estado de espírito!

Coloquei-me na posição exigida pelo protocolo para receber os cumprimentos dos presentes. Todos sem exceção me falaram das grandes qualidades do meu pai. Um verdadeiro guerreiro dos ares, com várias condecorações, que muito honrara a Força Aérea dos Estados Unidos. Líder de um famoso esquadrão, com mais de setenta missões cumpridas durante a Segunda Guerra Mundial.

O câncer o levava rapidamente, três meses após o diagnóstico. Como sou neurologista, quando li o laudo de seu exame, logo percebi o tamanho do problema. Obtive uma licença do hospital público em que trabalhava, fechei momentaneamente meu consultório em Botafogo, no Rio de Janeiro, e me mudei para Boston. Foi a melhor coisa que fiz. Pude, nesse pouco tempo, aprofundar ainda mais a intimidade que tinha com meu pai.

Aprendi mais sobre sua carreira militar e a história de cada uma das interessantes medalhas de guerra que ele recebera. Em detalhes, que nunca antes contara, ele falou como conheceu minha mãe, uma brasileira. Ele adorava também conversar sobre as coisas do espírito. Partilhou comigo sua filosofia de vida e disse claramente o que esperava de mim. No meio de tanta informação, uma coisa chamou minha atenção.

Nos meus anos de medicina, em praticamente todos os dias de trabalho, havia lidado com pacientes terminais. Em todos eles identificara um enorme receio da morte. Havia concluído que ninguém, por pior que estivesse, queria morrer ou, pelo menos, sentia-se confortável com essa ideia. Poderia ser medo do desconhecido ou descrença numa existência além da realidade em que vivemos.

De qualquer modo, nenhum deles sabia o que iria encontrar depois da morte. Já meu pai, durante seus pouquíssimos meses finais, não manifestou ou demonstrou o menor temor, apesar de saber que não escaparia da doença. Exibia uma expressão confiante e falava com voz serena, como se soubesse para onde estava indo.

Um dia, perguntei-lhe se não estava com medo da morte. Ele apresentou mais uma de suas frases de impacto:

– Nunca fui medroso. Não será agora, velhote, que isso vai mudar. Continuo a não ter medo de nada. E você, meu filho? Está com medo?

– Pai, não sou eu que vai morrer. Por que deveria ter medo da morte?

– Da morte? Não, Rafael, não estava me referindo à morte. Falta muito para a sua.

– Então não entendi sua pergunta, pai.

– Medo da solidão – sussurrou ele.

Até aquele momento não havia me questionado sobre meus sentimentos mais profundos, sobre a partida de Mark. No fundo não queria aceitar que ele me deixaria num curto espaço de tempo. Enquanto ele estava ali, mesmo doente, eu me sentia protegido. Coisa mais estranha! Meu pai era um homem tão forte que, mesmo em seu momento final, me transmitia coragem e segurança.

Através de sua aguçada sensibilidade, ele captou que eu estava profundamente abalado com sua morte iminente. Conseguiu entender que o câncer dele devorava meu equilíbrio psicológico de forma cruel e eu não queria me confrontar com aquela situação. Tinha toda a razão: meu coração se sentia abandonado, solitário, sem socorro.

– Não gosto de pensar que você vai embora, pai. Preferia que ficasse comigo um pouco mais – afirmei com dificuldade.

Ele estendeu a mão e segurou minha cabeça, trazendo-a para junto do peito, que subia e descia de forma ofegante. Aquilo me machucou demais. Connors sempre fora um atleta exemplar, mesmo depois dos 70 anos. Sua forma física era invejável. Agora era pele e osso.

Meu pai se manteve calmo durante todo o período em que estivemos juntos. Suas palavras eram plenas de força e sobriedade. Até mesmo no dia de seu falecimento, apesar de toda a dor que seu corpo expressava, estava absolutamente sereno. Algo raro de se ver na atualidade: um homem em paz consigo e com o mundo.

Enquanto trocávamos palavras em tom de despedida, ele não demonstrava nenhum tipo de insegurança. Queria que eu entendesse que estava tudo certo, nos trilhos traçados por Deus.

– Rafael, há muitos anos sou amigo de Deus. Sei que Ele tem um lugarzinho legal para mim. Deve, inclusive, mandar alguns de seus eleitos para me recepcionar assim que eu deixar este corpo doente.

– Pai, fico feliz que pense assim. Mas acho que essas ideias são fabricadas pelos homens. Ninguém sabe com exatidão o que acontece quando uma pessoa morre. Prefiro não conjecturar nada.

– Aí é que você se engana. Homens sábios que existiram antes de nós sabiam muito bem o que se passa depois da morte. Aprendi com eles. – Meu pai deu um leve sorriso.

Por um momento ele quase me convenceu de que realmente tinha o conhecimento exato do local para onde iria no instante em que seus olhos se fechassem. Mas, infelizmente, mesmo para o grande brigadeiro Connors, aquilo não era possível. A discussão fatalmente cairia nas questões de fé. Coisa que eu não tinha.

Na véspera de sua morte, quando percebeu que havia chegado a hora, entregou-me um envelope magenta. Tinha meu nome escrito no verso e, na frente, as seguintes palavras: “meu último desejo”. Enfatizou que eu só deveria abri-lo no final da semana, quando ele já não estivesse mais entre os vivos. Isso me causou grande estranheza. Como aquele homem podia saber o momento em que iria morrer? Quem o teria avisado? Por que falar comigo através de uma carta se eu estava ali com ele, em sua casa, o tempo todo? Imaginei que teria algo a ver com a herança ou fosse um segredo sobre o qual não queria se explicar pessoalmente.

Lembro que fiz menção de abrir imediatamente a carta. Não tinha sentido aquele suspense todo. Ele não gostou e, incisivamente, ordenou-me que só abrisse o envelope depois do seu enterro, quando eu estivesse sozinho em casa. Eu o sopesei; era uma correspondência bem leve. Fiquei ainda mais curioso, mas, como de costume, obedeci às ordens do brigadeiro.

Quando retornei do cemitério, a primeira coisa que fiz foi abri-lo. Dentro, encontrei um papel branco sem linhas, com palavras escritas a caneta preta, numa caligrafia trêmula. A mensagem era bastante econômica. Ele provavelmente a redigira durante sua doença – eu podia apostar que nos seus três últimos dias. O improvisado e a pressa estavam patentes nos rabiscos.

Em nenhum momento, morando na mesma casa, eu percebera que ele tinha preparado um bilhete pós-morte. Estava claro que havia se aproveitado de alguma breve ausência minha, talvez a hora do

banho. Mark Connors sempre fora um homem preciso e meticuloso no cumprimento de suas missões. A objetividade era traço marcante de sua personalidade. Nunca usava eufemismos nem fazia grandes introduções para seus assuntos.

Por causa disso, as pessoas o tinham como um homem severo, com coração de pedra. Quando pequeno, lembro que minha mãe precisava explicar por diversas vezes que o marido era um homem bondoso e caridoso, que tratava seus subalternos com muito carinho e, por isso, era venerado. Contou-me que os dois distribuíam sopa aos necessitados de um abrigo em Boston, mantido pela Igreja Católica local.

Direta ao ponto, a mensagem continha um simples comando: “Filho querido, antes de completar 50 anos, tome uma semana da sua vida e visite Medjugorje. Na Bósnia, reze para que a Rainha da Paz lhe mostre o verdadeiro caminho e o proteja. Em breve espero reencontrá-lo, junto com sua mãe, no céu. Beijos do seu pai, com amor.”

Minhas lágrimas desceram quentes, copiosas. Não conseguia enxergar mais nada de tão borrado que tudo se tornou. Estivera me segurando durante os três meses em que o vira definhar. Depois, passei mais um sufoco na cerimônia religiosa. Tinha sido duríssimo me despedir de seus melhores amigos, os dois sacerdotes capuchinhos, e receber todos aqueles cumprimentos ouvindo elogios sobre sua personalidade. Sabia que ele não queria que me vissem chorando. Várias vezes havia me repreendido durante minha infância e juventude: “Nunca deixe que os outros o vejam chorando. É sinal de fraqueza, rapaz!” Logo em seguida, amenizando a bronca, vinha com um afago em meus cabelos.

Sentia-me sufocado. Para complementar, algo parecia dilacerar minha garganta e meu estômago. Aquela dor toda iria passar? Não sabia. Ali, em casa, tinha a impressão de que a morte de meu pai era um evento sem fim. A sensação era de derrota. Eu acabara de perder o homem que mais amara em toda a minha vida. Onde estava meu pai?

Mesmo sendo médico, diante da potência da enfermidade que se alastrara, eu nada pudera fazer. Não era para salvar vidas que eu tinha estudado tanto? Por que não conseguira cumprir minha missão? E o juramento que havia feito junto ao caixão da minha mãe, quando garoto? Quantas vezes tinha dito para mim mesmo que meu pai não sofreria da mesma forma? Não alcançara meu objetivo. Derrota.

Um pensamento ruim estava forte e onipresente: eu nunca mais iria ouvi-lo nem vê-lo. Tudo tinha terminado. Ele não existia mais. Seu corpo viraria pó, como já ocorrera com minha mãe, quando eu era ainda um moleque.

Depois de meia hora de choro, fui até a cozinha e preparei um chá japonês que encontrei em um dos armários laqueados. Procurei me acalmar e meditar um pouco sobre o que estava acontecendo. Quando voltei meus olhos vermelhos para uma das janelas, vi, pouco abaixo, uma das imagens dele de Nossa Senhora. Seu olhar bondoso e suas vestes brancas que transmitiam paz eram o oposto da situação pela qual eu passava.

Peguei-me repetindo para mim mesmo que não havia motivo para tanta tristeza. Meu pai tinha cumprido inteiramente seu papel naquela vida. Fora correto em tudo e com todos. Amara profundamente a família e me dera uma educação primorosa. Sem a menor dúvida, havia sido o homem mais honrado e condecorado pelo governo americano que eu já tinha conhecido. Recompus-me prontamente.

Como não tinha uma vivência religiosa, apenas tomei a imagem e a olhei de perto. Era uma bela obra de arte. Sentei-me em uma cadeira à mesa redonda da cozinha da casa que acabara de herdar. Coloquei a imagem em cima dela e fiquei pensando sobre a carta de meu pai.

Ainda não havia entendido com precisão o último desejo dele. Minha mente estava muito embaralhada com o turbilhão de coisas daquele dia. Será que a cor exótica do envelope também era proposital? Magenta? Como meu pai era detalhista, provavelmente tudo naquele bilhete continha um significado.

Coloquei o envelope na mesa. Depois de alguns minutos olhando-o, imóvel, decidi me deparar novamente com a caligrafia combatida do meu pai. Dessa vez resolvi ler com um cuidado redobrado. Fixei meus olhos nos nomes. Sabia muito bem que a Bósnia era um pequeno país europeu, resultante da separação de nações que compunham a antiga Iugoslávia. Essa era a única parte do escrito que, inicialmente, figurava com clareza para mim.

Medjugorje? Nunca ouvira ninguém mencionar esse nome. Poderia ser alguma pessoa que morava na Bósnia? Claro que não! Sacudi a cabeça, tentando afastar meu cansaço. Se fosse algum parente ou mesmo um amigo do meu pai, eu já teria me lembrado. Poderia ser uma cidade daquele país, que meu pai visitara nos seus tempos da ativa. Nada conclusivo me chegava. Definitivamente ele nunca havia se referido a nada com aquele nome.

Concluí que Medjugorje era uma cidade da Bósnia. O problema, contudo, permanecia. Em que parte do país ficava? Seria complicado chegar até lá? Levantei-me do sofá e caminhei pensativo até a biblioteca do meu pai. Mais de cinco mil volumes. Certamente haveria alguma coisa sobre a localidade em algum dos seus livros.

Acomodado em uma poltrona, passei alguns minutos encarando um grosso livro de geografia que continha um capítulo enorme sobre a Europa. Não consegui, infelizmente, encontrar praticamente nada sobre a Bósnia. Com relação à tal de Medjugorje, então, nem pensar. Não havia nenhuma referência. O último desejo de meu pai estava começando a ficar bem complicado de ser realizado.

Para não perder mais tempo, já que o sono começava a me derrotar, resolvi ligar o computador. Pesquisei na internet. Enfim encontrei o que queria. Não era exatamente uma cidade: não passava de uma aldeia, um pequeno povoado próximo da fronteira com a Croácia. Ficava em um belo vale, entre montanhas altas – aliás, esse era o significado da palavra Medjugorje: “entre montanhas”. A foto panorâmica do lugar era muito bela.

Continuei minha investigação. Digitei “Rainha da Paz”. Apareceu uma imagem de Nossa Senhora vestida de branco com a palavra *mir* estampada em dourado no peito, em cima de seu coração. Era idêntica à que eu colocara, momentos antes, sobre a mesa da cozinha.

Como minha mãe me explicara, Nossa Senhora tem mais de mil nomes, mas em qualquer situação é a mesma Maria Santíssima. Rainha da Paz era mais um. Pelo que sabia, porém, a Bósnia não era um país católico. Que ligação teria a pequena aldeia com a Mãe de Jesus? Por que ela ostentava tal título se a região havia sofrido com terríveis guerras? Aquilo aguçou minha curiosidade. Como o relógio já apontava duas horas da manhã e o dia havia sido emocionalmente desgastante, resolvi dormir com aquelas informações. Continuaría a me aprofundar no tema no dia seguinte.

Sonhei a noite toda com a morte de meu pai: seu caixão flutuava sobre a sepultura e a bandeira dos Estados Unidos voava para o céu até desaparecer. Assim que ela sumia de vista, eu caminhava pelo gramado do cemitério sem encontrar ninguém. Cansado, sentava-me sozinho e as lágrimas escorriam. O sonho era muito vívido e eu sofria muito com a solidão.

Assim que acordei, decidi dar um basta naquela tristeza toda. Precisava reagir! Troquei de roupa e, como já estava bem desperto, resolvi dar uma corrida pelos arredores do bairro para me purgar de todo aquele estresse, armazenado desde a véspera. Era outra coisa que havia aprendido com meu falecido pai: nunca ficar sem exercícios físicos.

A corrida se manteve em ritmo forte sem dificuldade. Após me alongar na entrada da casa, fui para o chuveiro. Antes do almoço, decidi que era hora de retomar o mistério do envelope. Com a cabeça bem mais leve do que no dia anterior, descobri na internet que, havia alguns anos, Nossa Senhora fazia aparições a um grupo de jovens de Medjugorje, sob o título de Rainha da Paz.

Entendi por que meu pai não tocara naquele assunto pessoalmente. Ele sabia que minha reação seria incrédula e não quisera compro-

meter nossos últimos dias juntos com discussões desnecessárias. A decisão havia sido sábia. Agora era comigo: ou eu cumpria seu último desejo ficando uns dias em Medjugorje, tentando entender sua devoção, ou voltava ao Rio de Janeiro, retomando minha vida.

Connors sabia muito bem o que eu pensava da metafísica. Como já havia lhe dito muitas vezes, eu acreditava na existência de um Ser Supremo, mas não nas religiões. Achava que existia algum tipo de vida após a morte, mas nunca quisera saber se haveria um céu ou um inferno à minha espera. Não tinha interesse em trabalhar na Terra pela minha salvação.

Sempre questionara como um militar aguerrido e disciplinado, de alta patente, havia se tornado religioso. O fato me impressionava tanto que, em uma das conversas logo que me mudei para sua casa nos subúrbios de Boston, para fazer-lhe as vezes de enfermeiro, perguntei por que tinha escolhido ser católico. Eu não conseguia identificar em que ponto de sua trajetória ele havia “trombado” com a fé.

A história que ele contou com toda a seriedade era fantástica. Não sei por que nunca a mencionara. Não entendi também por que minha mãe não tinha conversado comigo a respeito, se bem que eu ainda era muito pequeno quando ela morreria. Por um momento, após ouvi-lo, cheguei a pensar que não estava no seu juízo perfeito. A doença poderia ter comprometido sua memória. Enganei-me.

O início de tudo se dera na cabine da sua aeronave de combate, enquanto sobrevoava o interior da Itália para realizar um bombardeio, no final da Segunda Guerra Mundial. Aquele dia ficara marcado de modo negativo em sua carreira militar. Nele ocorrera sua única missão fracassada durante todo o período em que servira à Força Aérea dos Estados Unidos. Ao me contar a história, ele se referiu ao evento como “a missão divina”.

CAPÍTULO II



Missão divina

Era uma tarde de outubro, em 1943. O céu estava azul, com poucas e pequenas nuvens brancas. As condições climáticas eram excelentes para o voo. Após decolar da base americana, o esquadrão de Connors não encontrou nenhum tipo de resistência por parte dos inimigos. Chegariam em poucos minutos à área-alvo determinada pelo Alto-Comando de Guerra dos Aliados.

Todos os envolvidos estavam um pouco nervosos. Nada de novo. A tensão era comum nos minutos que antecediam a execução de uma tarefa de combate. Mesmo os mais experientes ficavam ansiosos. O anjo da morte, como meu pai gostava de dizer, poderia selecionar qualquer um do grupo sem aviso prévio. Enfim, nunca dava para prever com certeza se todos os seis pilotos retornariam com vida à base aérea.

Quando os três caças atingiram a região do monte Gargano e avistaram o mar Adriático, na província italiana de Foggia, o tenente Bloom chamou Connors pelo rádio, num tom rígido:

– Capitão, algo muito estranho está se passando em uma nuvem mais adiante, à direita.

– Tenente Bloom, seja mais claro. Temos algum tipo de resistência? Quantos inimigos consegue visualizar? Não vejo nada de minha aeronave.

– Inimigos? Bem, não sei o que é aquilo, capitão. Parece... só um homem! Melhor o senhor checar pessoalmente.

Connors conhecia bem o tenente e estranhou que ele demonstrasse tamanho constrangimento.

– Bloom, poderia ser um objeto voador não identificado? – insistiu o capitão.

– Como falei, é um homem. Está sozinho no ar! – O final da frase do tenente Bloom foi praticamente inaudível.

– Capitão, agora avistei o inimigo. É gigantesco! Melhor abrímos fogo antes que ele nos ataque! – O tenente Ramirez, da outra aeronave, aparentava estar um tanto abalado com o que via.

Connors mudou o rumo do pequeno esquadrão para poder enfrentar melhor a suposta ameaça. Finalmente o bico da aeronave de meu pai apontou para a polêmica nuvem. Nela pôde ver, com toda a nitidez, a enorme face de um homem, cuja cabeça estava coberta por um capuz marrom-escuro. Ele tinha um queixo proeminente barbado. Dava para notar claramente seu olhar profundo e irado.

– Seu moleque! Vire o avião e volte imediatamente para sua base aérea. Não se atreva a lançar uma bomba sequer aqui no meu convento – bradava o homem num inglês fluente, sem sotaque algum.

Todos na formação aérea puderam ouvir, em alto volume, a voz de trovão do misterioso homem enfezado. Até os caças estremeceram!

O pavor tomou conta de Connors. Na realidade, todos os militares do esquadrão ficaram aterrorizados. Como era possível aquilo?

– Vamos voltar para a base agora! – gritou meu pai pelo rádio, ao perceber que a enorme face se aproximava da formação, cada vez mais ameaçadora.

Em exatos treze minutos, os pilotos envolvidos na fracassada missão aterrissavam na base de origem. Após um breve instante no alojamento, foram convocados à sala do tenente-coronel Wilson, o

comandante daquela organização militar. Os homens, ainda confusos, ouviram a voz pouco amistosa do seu superior:

– O que aconteceu?!

Ele não obteve resposta. Os homens, calados, continuaram perfilados na sua frente, em posição de sentido.

– Sinceramente, não consigo entender o que se passou. Um esquadrão capaz de cumprir algumas das missões mais perigosas desta guerra volta assustado de um simples bombardeio.

O comandante, profundamente irritado, enxugou o suor da testa antes de prosseguir com seu discurso.

– Que dia! – disse o homem a si mesmo, fazendo uma careta horrenda. – Está muito difícil para mim – continuou, olhando para as próprias botas. Erguendo a cabeça, em tom ameaçador, bradou: – Haja paciência! Vejam bem: vocês sempre foram meus guerreiros mais destemidos e ferozes. E agora são um bando de frouxos que abandonaram uma missão simples sem trocar um só tiro com as forças inimigas. – Wilson cruzou os braços, contendo a ira. – Querem saber o que mais me irritou? Fugiram amedrontados sem ao menos me consultar! Não receberam ordens superiores para abandonar o local.

O tenente-coronel, conhecido pelo pavio curto, começou a andar de um lado para outro.

– Gostaria que o senhor, capitão Connors, líder do vexame que acabei de presenciar, me desse uma explicação plausível.

Ele parou, bufando, a um palmo de distância do nariz de Connors, que permaneceu imóvel, com os olhos vidrados no nada.

– Coronel, uma força desconhecida nos interceptou em pleno ar. Já que não sabíamos como detê-la, decidi não colocar em risco meus comandados – explicou o capitão, olhando firmemente para o comandante.

Uma breve pausa se fez. Ele era o único capitão do grupo, mas todos sabiam que os demais tenentes seriam promovidos à mesma patente quando retornassem aos Estados Unidos. Mark havia sido o

primeiro aluno de sua turma, por isso teve a honra de ser o primeiro a receber a promoção, pouco antes de embarcar para a Europa.

– Força desconhecida! – exclamou o comandante, com cara de deboche. – Gostaria que algum de vocês me desse a definição do que seria essa tal “força desconhecida”

O tenente-coronel foi passando lentamente pela fila de homens, encarando cada um com desaprovação. Todos olhavam fixamente para a frente, sem demonstrar preocupação. Ao perceber que não conseguia intimidar ninguém, o militar ficou ainda mais bravo.

Finalmente uma voz se pronunciou:

– Um sujeito com capuz marrom-escuro, barba e olhar feroz – respondeu Connors.

Espantados com a coragem do capitão, os demais o encararam. O tenente-coronel, que caminhava como um mastodonte pela pequena sala, fincou os pés onde estava, virando apenas os olhos para Connors.

– Não sei se entendi bem ou se vocês pensam que sou alguma espécie de palhaço.

O ódio com que concluiu a frase foi tamanho que suas bochechas ficaram vermelhas. Por sorte, naquele instante o comandante estava próximo à única janela do recinto, pois parecia que iria explodir feito um balão inflável.

Como se fosse um bailarino profissional, Wilson girou sobre o calcanhar direito e caminhou em direção aos rapazes. Parou bem próximo, em silêncio, tentando recobrar sua calma. Enfiou as mãos nos bolsos da calça. Parecia querer pronunciar alguma palavra, mas levou a mão à boca e desistiu. Sua respiração seguia em descompasso. Olhou, então, para o teto, tentando normalizar a pulsação.

Andou um pouco ao redor da fila dos seis aviadores que esperavam seu veredicto. O homem finalmente parou no centro da sala e voltou a cruzar os braços com firmeza, na tentativa de não se atirar em cima do grupo. Quando fez menção de falar, Bloom se manifestou:

– Coronel, uma cabeça gigante se formou no céu a partir de uma nuvem, sobre o monte Gargano. Era uma criatura com capuz mar-

rom-escuro e barba. O olhar era terrível. A voz amplificada explodia em nossos tímpanos! Nunca ouvimos nada igual. As aeronaves chegaram a chacoalhar. Até meu painel, dentro do cockpit, vibrava como se estivesse ocorrendo um terremoto. Ela falava em inglês perfeito. Não sabemos explicar como conseguiu aquele efeito.

– Nunca ouvi uma história tão patética em toda a minha vida. O que mais me intriga é que todos vocês já foram condecorados por bravura em missões para as quais eu mesmo os designei! – repreendeu Wilson, com os braços pendentes ao lado do corpo, cansado da discussão infrutífera.

O tenente-coronel deu as costas aos militares enfileirados e voltou para sua escrivaninha. Puxou a cadeira, sentando-se. Retirou os óculos e esfregou os olhos, respirando fundo. Resmungou algo que ninguém conseguiu ouvir.

Por fim, pegou um papel e falou aos oficiais enquanto escrevia:

– Dez dias de detenção para cada um. Hoje mesmo mandarei uma mensagem a respeito do acontecido para o Alto-Comando. Eles vão decidir o que fazer com vocês. Dispensados!

Levantou os olhos para checar o impacto da notícia. Nenhum dos rapazes parecia surpreso.

Enquanto os jovens se retiravam da sala, Wilson voltou a falar:

– Se vocês fossem outros militares, eu os teria mandado direto à Corte Marcial para serem exonerados da Força Aérea. Considerem meu ato um grande presente. Uma nova chance, decorrente da minha bondade e admiração por vocês e suas condecorações de guerra.

Ele largou a caneta, que rolou pelo tampo da mesa até atingir o chão.

Ao serem dispensados pelo tenente-coronel, Connors e os demais foram encaminhados à prisão. Na verdade, como não havia local apropriado para a detenção de oficiais naquela base aérea, ficaram confinados em um alojamento pequeno, que continha três beliches e um pequeno banheiro. À porta, dois soldados montavam guarda. Eles só poderiam deixar o local com ordens expressas do comandante Wilson.

Após o primeiro dia de reclusão, vendo a tristeza de Connors, Bloom tentou melhorar seu humor:

– Mark, fique tranquilo. Você sabe que meu pai faz parte do Conselho do Alto-Comando de Guerra. A esta altura, ele já sabe que estamos presos. Provavelmente tomará alguma atitude a nosso favor.

– Bloom, não estou preocupado com esta prisão ridícula ordenada pelo comandante. Ela não trará nenhuma consequência para as nossas carreiras, a não ser que Wilson queira usar esse incidente para nos punir. Mas somos os melhores pilotos dentre todos desta guerra e o brigadeiro Garth, cabeça do Alto-Comando, sabe disso. Já servi com ele nos Estados Unidos. Foi ele que me designou para este esquadrão.

Connors olhava para o chão enquanto falava com Bloom. Os demais estavam sentados em suas camas, cabisbaixos.

– Então, meu amigo, qual é o problema? – questionou o tenente, confuso.

– Você não está preocupado em saber o que era aquilo? Nunca ouvi ninguém descrever algo parecido com o que vimos no céu, sobre o monte Gargano. Precisamos descobrir que espécie de arma era aquela e como enfrentá-la.

Connors se levantou e foi olhar pela janela. O silêncio dominou o alojamento.

– Aquilo era muito sinistro – quebrou o silêncio o tenente Ramirez. – Nunca deveríamos ter ido ao monte Gargano. Minha mãe, que entende de santeria, já havia me avisado para não sobrevoar essa região da Itália. Antes do nosso embarque, ela estava muito preocupada, pressentindo que algo ruim iria nos acontecer por ali.

– Ah, não me venha com outra bobagem cultuada pelos cubanos, Ramirez! Faça-me o favor. Acreditar que sua mãe previu o acontecimento que nos encarcerou aqui é demais! – Bloom logo o censurou.

Estava preocupado em evitar que as crendices do companheiro se espalhassem entre os outros. Palavras incautas poderiam diminuir ainda mais o moral da tropa.

– Não é nada “cubano” como vocês gostam de falar! Já disse que minha mãe é cubana, mas eu nasci em Miami. Sou americano como vocês. Agora, há coisas misteriosas que o nosso povo americano não compreende e que fazem parte da cultura cubana – retrucou Ramirez, ofendido.

– Não vá me dizer que sobre o monte Gargano existe algo de vodu ou coisa parecida. É só o que falta, Ramirez! – falou o tenente Kovaks, desanimado e descrente, da parte de cima de seu beliche.

– Não sei se isso está relacionado com as religiões do Caribe, Kovaks. Mas aconteceu como minha mãe falou. Até agora não conseguimos entender o que era aquilo. Você mesmo testemunhou. Não pode negar, ou pode? – desafiou Ramirez.

– Tenha paciência, Ramirez! Ao verem seus filhos embarcando para a guerra, todas as mães dizem coisas parecidas. Claro que a sua não poderia prever um ataque como o que sofremos em pleno voo – retrucou o tenente David.

– Nenhum de nós pode negar que algo desconhecido nos afrontou naquela montanha. Uma arma estranha ou mesmo um acontecimento sobrenatural. Alguém discorda ou tem uma tese plausível para o que nos aconteceu?

Perdido como os outros, Connors fez sua última tentativa de encontrar algo de racional no ocorrido. Por instantes, apenas o silêncio lhe deu resposta.

– Connors, os alemães obtiveram um avanço tecnológico extraordinário ao longo dos anos. Aquilo que vimos e sentimos talvez seja uma nova arma. Não podemos descartar essa hipótese – opinou David.

– Há uma grande chance de termos sido atacados por extraterrestres – sugeriu Bartmont.

– Pare de bobagem! – exclamou Ramirez. – Anda lendo muita ficção científica. Não foi nada disso. Como vejo que vocês não têm a menor ideia do que aconteceu, estou pronto para dar minha versão.

Ele se levantou para expor ao grupo o que pensava ter ocorrido.

– Explicação decente ou latina? Só falta falar em espanhol! – provocou Bloom.

– Toda explicação latina é decente. Bando de preconceituosos! Nós conhecemos coisas que anglo-saxões como vocês desconhecem por completo.

– Agora você não é mais americano, só nós que somos? – instigou Bloom, dando uma pequena risada, acompanhado pelo resto do grupo.

– Vamos lá! Estamos todos atentos para ouvi-lo, Ramirez – falou Connors, sentando-se no próprio beliche, procurando encerrar a discussão.

– Naquele monte, séculos atrás, um homem também foi atacado por uma força estranha. O caso envolveu até mesmo um bispo da Igreja Católica. Acho que fomos abordados pela mesma criatura.

– Que conversa de maluco é essa, Ramirez? Uma criatura? Só falta ser o monstro do lago Ness! – bradou Kovaks, e soou uma gargalhada geral.

– Ouça o que digo, Kovaks. Deixe ao menos eu terminar de falar e você vai perceber que tenho razão. – Ramirez pigarreou e retomou a palavra. – No século V, em uma cidadezinha chamada Siponto, vivia um pastor de ovelhas chamado Gargano, o mesmo nome do monte que sobrevoamos. Mas ele não era um sujeito qualquer, era rico, possuía muitas ovelhas e pastagens. Um homem que se destacava na sociedade em que vivia.

– Quer justificar o ataque dizendo que somos homens de posses, Ramirez! – exclamou Connors, implicando com a introdução.

Ramirez o ignorou, continuando a história:

– Um dia, uma de suas ovelhas escapou do curral. Ele saiu para procurá-la e a encontrou no alto do monte Gargano, na entrada de uma gruta.

– Olha, Ramirez, sei que temos visão de águia, mas querer que, lá de cima, vejamos que existe uma gruta lá embaixo naquela montanha já é demais, não é? – interrompeu David, um tanto irritado com a situação.

– Afinal, vocês vão me deixar contar a história ou não? – Ramirez elevou a voz, exigindo silêncio e atenção.

Todos acataram. Uma explicação, por pior que fosse, era melhor do que nada.

– Pois bem. Onde eu estava mesmo? Ah, sim, lembrei. A ovelha estava na entrada da gruta que fica no alto do monte Gargano. – Ele olhou ao redor para ver se mais alguém iria fazer algum tipo de objeção, mas ninguém se pronunciou. – O pastor, Gargano, teve muita dificuldade para capturar a ovelha, mesmo acompanhado de seus empregados. Assim, resolveu matá-la e levar a carne para casa. Pegou um arco e uma flecha, mirou e disparou na direção do animal. Para sua surpresa, antes de atingir o alvo, a flecha ficou suspensa no ar, imóvel.

– Como é?! A flecha ficou parada no ar? Não caiu no chão, pelo menos? – questionou Kovaks, que, apesar de deprimido com a situação, esboçou uma risada.

– Exato. Ficou suspensa no ar, flutuando. Aparentemente nada a segurava. Era como se uma mão invisível a dominasse porque, em seguida, ela deu meia-volta e veio zunindo na direção de quem a havia disparado!

Ramirez abriu um sorriso, encantado com a história que ele mesmo contava. Não encontrou muita receptividade nos companheiros.

– Todos os que acompanhavam o homem ficaram espantados. A flecha acabou ferindo o próprio Gargano! Seus empregados, apavorados, correram para a cidade para contar o caso ao bispo. Preocupado por não saber explicar o fenômeno, ele determinou ao povo da diocese três dias de jejum, para que Deus desse o discernimento correto sobre o acontecimento.

– Só falta agora o próprio Deus aparecer na história, explicando o porquê do ataque – interveio Bartmont, com voz mansa.

– Claro que não, Bartmont. Ao fim dos três dias de jejum, o arcanjo Miguel apareceu ao bispo e disse que o prodígio da montanha havia sido realizado por ele. Tudo para mostrar aos homens que aquele lugar

estava sob sua proteção especial. O arcanjo exigiu, ainda, que ali fosse prestado um culto especial a ele e a todas as hierarquias angélicas.

– Pensei que São Miguel Arcanjo fosse bom. Não entendo como ele poderia nos atacar em pleno voo – retrucou Kovaks.

– Basta pensar um pouco. Nós iríamos bombardear o local indicado por ele para o culto às hierarquias celestes! O arcanjo estava cheio de razão em nos combater, não é? – indagou David, dando apoio à ideia de Ramirez pela primeira vez.

– A história do arcanjo Miguel acabou, Ramirez? – perguntou Bloom, preocupado com o fato de Ramirez já ter arrebanhado um para sua tese.

– Ainda não. Logo depois da aparição, o bispo celebrou uma missa na gruta, com todos os moradores da região. Dizem que o próprio arcanjo Miguel foi visto por todos e, com sua espada de fogo, traçou na parede de pedra da gruta uma cruz. Hoje o local é o santuário de São Miguel mais famoso do mundo. Dentro da gruta existe uma igreja de verdade – concluiu Ramirez e sentou-se na cama que lhe fora destinada no cárcere.

– Prefiro pensar que foi um extraterrestre. Acreditar em anjos e arcanjos não dá! – exclamou Bartmont, arregalando os olhos orientais dentro do possível.

– Não tenho tanta implicância com histórias de anjos e demônios, mas arcanjo tem que ser bom. Não poderia nos atacar daquele jeito. Também não poderia dar uma flechada no pastor idiota de Siponto. Prefiro pensar que era alguma arma secreta de Hitler – opinou Kovaks.

– Gostei da história, Ramirez, mas tenho certeza de que não foi o arcanjo Miguel que nos apareceu sobre o monte Gargano. A criatura tinha feições humanas: cara enfezada e barba! Ora, arcanjos não têm barba, não é? – questionou Connors.

– Não sei dizer – respondeu Ramirez.

– Connors, a questão da barba não exclui a hipótese de ser um arcanjo. Minha mãe sempre me disse que um anjo ou um arcanjo

pode assumir a forma que quiser – interveio David em socorro de Ramirez.

– A história que conheço de São Miguel Arcanjo é a da aparição sobre o Castelo de Santo Ângelo, em Roma – disse Bloom.

– Parece que o tal arcanjo gosta mesmo de aparecer! – falou Kovaks em tom brincalhão.

– É sério. Durante uma terrível epidemia, em Roma, muita gente morreu. Isso foi na época do papa São Gregório Magno, no século VI. O pontífice determinou que se fizesse uma procissão de penitência na cidade para pedir a Deus o fim do flagelo. Ele mesmo tomou a frente da procissão caminhando descalço, carregando uma imagem de Nossa Senhora.

– Que coisa, um papa encabeçando uma procissão! E ainda por cima descalço e levando uma imagem? A coisa devia estar feia em Roma, não é? – Agora era Ramirez que se divertia com a história de Bloom.

– A situação estava tão difícil por lá que, enquanto as pessoas acompanhavam a procissão, viam os corpos dos mortos jogados pelas ruas, à espera de sepultamento, tamanha a violência da peste.

– Bloom, parece que você está narrando um cenário de guerra! – disse Connors, impressionado.

– Pois é, Mark. Na época o Castelo de Santo Ângelo ainda não tinha esse nome, é claro: era o mausoléu do imperador romano Adriano. Quando a procissão foi chegando a ele, um incêndio se iniciou no alto da torre da construção. No meio das chamas, todo mundo pôde ver o arcanjo São Miguel vestido com sua armadura, empunhando a espada.

– Ah, então não era ele quem estava lá no céu, próximo ao mar Adriático, atacando a gente. Aquele sujeito usava um capuz, não tinha armadura e não empunhava espada – concluiu Bartmont com firmeza.

– Eu também não vi nenhuma espada nas mãos dele – acrescentou Connors.

– Pois é isso que eu estou tentando dizendo ao Ramirez faz tempo – reafirmou Bloom.

– Quem sabe? Como disse o David, arcanjos podem assumir qualquer forma que desejarem – insistiu Ramirez.

– Não sei... – disse Bloom, pensativo. – O fato é que lá em Roma ele apareceu para dizer que o ato penitencial do papa e do povo havia sido muito bem recebido por Deus. Dali em diante, a calamidade encontrou seu fim. A partir daquele dia, o mausoléu do imperador Adriano foi batizado com o nome de Castelo de Santo Ângelo, em homenagem a São Miguel Arcanjo. Hoje, lá no topo da torre, há uma imagem gigante do arcanjo, vestido com sua armadura de combate, empunhando a espada.

– Meus amigos, voltamos à estaca zero – falou Connors, preocupado. – Se não era São Miguel Arcanjo nem um extraterrestre ou nazistas, quem nos atacou sobre o monte Gargano? O que vamos dizer em nosso interrogatório, quando o Alto-Comando nos convocar?

Ele não obteve resposta.

– Acho melhor encerrarmos a discussão sobre extraterrestres, arcanjos e outras coisas do gênero porque lá vem nosso algoz, coronel Wilson – informou Bartmont, saindo de perto da janela, de onde estava ouvindo o final da discussão.

– Não entendo como é que o Alto-Comando coloca um sujeito que nunca trocou tiros com as forças inimigas nos ares para comandar um esquadrão como o nosso. Só pode ser uma piada de mau gosto – reclamou Bloom, levantando-se de sua cama.

– Verdade... – concordou Connors. – Mas agora não adianta analisar o péssimo militar que é o nosso comandante. Nossas carreiras dependem dele. Imaginem o que ele deve ter dito a nosso respeito ao Alto-Comando. Os brigadeiros devem estar furiosos conosco. Só conhecem a versão do cretino do Wilson.

– É muito azar o nosso! – lamentou Kovaks. – Estamos nas mãos de um imbecil como o Wilson, o sujeito que mais tem inveja da gente na face da Terra.

A porta se abriu com tanta força que bateu na parede.

– Senhores, trago péssimas notícias. Aliás, vocês as merecem, pela atitude covarde que tiveram, sujando meu nome perante o Alto-Comando – berrou Wilson, adentrando o recinto.

– Coronel, somos os melhores guerreiros alados desta guerra. Só fizemos exaltar seu nome junto aos Aliados. Jamais sujaríamos o nome de ninguém – retrucou Kovaks, indignado.

– Não quero ouvir desculpas esfarrapadas de novo. Tenho mais o que fazer. Vou ler para vocês a carta que acabou de chegar do Alto-Comando, endereçada a mim.

Wilson não conseguia disfarçar o sorriso de satisfação. Os militares, então, se perfilaram para ouvir o tenente-coronel.

INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.



www.sextante.com.br



facebook.com/esextante



twitter.com/sextante



instagram.com/editorasextante



skoob.com.br/sextante

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@sextante.com.br

Editora Sextante
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br